

# TRIBUNA Livre

À Biblioteca Pública de Braga

2  
SETEMBRO  
1972

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: António Narciso Gonçalves Macedo

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR - TELEF. 62113 - AMARES

## DIRECTOR DE FINANÇAS

ABÍLIO BASTOS

Vou ocupar a crónica desta semana com uma personalidade que conheço há mais de três décadas. É o senhor Abílio de Bastos, actual director de finanças - ajudante da Direcção de Finanças do distrito de Lisboa, outrora aspirante de finanças no nosso concelho, a que ficou ligado por laços matrimoniais e pelos vínculos de uma amiza de imorredoura. Ainda hoje, nesta terra de Santa Maria, o senhor Bastos é pessoa tão querida e respeitada que, quando aparece, a gente se curva e se sente feliz com a gentil presença de tão agradável e benquisto amigo.

Eu era criança ainda a frequentar a escola primária. E, já nessa altura, recordo-me de o ver, jovem de vinte e tal anos, funcionário distinto, a irradiar simpatia, sempre bem disposto e brincalhão, simples e bondoso, mas sempre o homem de um sentido humano-social que, mais tarde, reconheci e admirei.

Hoje, à distância, e no dia em que perfaço 45 anos de idade—estou a caminho do dealbar da velhice—fechei-me em casa (quis viver só para a família) e, num exame retrospectivo da minha vida passada, fui encontrar nas terras de Cabeceiras de Basto o meu ilustre amigo e primeiro chefe—o senhor Bastos! Era o mesmo homem que conhecera na minha infância. Activo, arguto, delicado e de fino trato, dum bonomia sem par, e sobretudo, para além do chefe sábio e humano, um verdadeiro e autêntico amigo.

Vicissitudes da vida, porém, forçaram-me a ficar um pouco pelo caminho. Mas recordo, com gratidão e muita amizade, os seus conselhos e ensinamentos que, como ordens sacras, me imprimiram uma espécie de carácter no aspecto deontológico da minha vida profissional. Bem haja, por isso, meu querido Director!

Estou a findar umas pequenas férias de 10 dias. Afastado, portanto, do serviço, deixei de contactar com os Diários do Governo. Porém, há pouco, e por colega amigo, soube da escolha do Senhor Director Bastos para o cargo que está já a exercer na Direcção de Finanças do distrito de Lisboa. Exerci nela, também, há 12 anos, o cargo de 3.º oficial. E, a despeito de me não sentir bem, dadas as circunstâncias da separação da família, carência económica... etc., já vou sentindo saudades do tempo que então vivi, graças ao hoje Director Bastos, a quem pretendo manifestar a satisfação incontida, nanja por dever de ofício, mas porque o coração mo impõe e a gratidão mo exige, por ir colaborar com o Ex.mo Director, Senhor Madeira Curvelo. Parabéns!

Há dois meses—este semanário deu sucinta notícia—tivemos o grato e indezível prazer de passar um dia com o Senhor Director Bastos, na companhia dos Ex.mos Directores de Finanças de Lisboa e Braga, respectivamente Senhores Jorge Garibaldi Madeira Curvelo e José Lopes Peres, acompanhados das Ex.mas Esposas, a quem endereçamos desta Tribuna os nossos cordeais e respeitosos cumprimentos pela honra que nos deram.

Foi um dia de vivência sadia e reparadora de energias gastas para os nossos queridos directores, porque esqueceram, por momentos, o pesadelo enorme e absorvente dos seus importantes e delicados cargos.

Oxalá estes encontros se repitam por muitos anos!

Narciso José Gonçalves

## As coisas da terra

ou, resposta a um amigo

Na «Tribuna» do dia 19 do corrente o meu dedicado amigo sr. Narciso Gonçalves houve por bem deixar falar o coração, e, indo além do razoável, permitiu que o mesmo sobrelevasse a sua esclarecida inteligência e carregasse de elogios a minha pessoa na notícia que deu à publicidade. Que bom se a óptica não fosse de aumento. Mas deixemos agora isso.

Entendi responder-lhe. Não para prolongar o tema, nem para lhe retribuir. Tão somente para trazer a estas páginas algo que esclareça os muitos leitores que de perto ou de longe sempre gostam de saber coisas do que por cá se passa.

Estamos, efectivamente, em maré de progresso. É caso para dizer que esta terra quebrou definitivamente as

### A nossa notícia sobre a Assembleia Geral do F.C. de Amares

No pretérito número este Semanário referiu-se à última Assembleia Geral do F. C. de Amares que resolveu sobre a possível aquisição de novos terrenos para construção do Campo de Jogos.

Tal notícia, por gralhas na composição, refere os factos de maneira a induzir em erro, o que, pela importância do caso, cumpre esclarecer.

Assim, deve entender-se que a Assembleia aceitou o compromisso de compra e venda dos terrenos que os proprietários haviam passado ao Clube e no qual se obrigam a esperar um mínimo de seis meses a um máximo de um ano que o Clube consiga meios para efectuar a compra.

A Assembleia presidiu o sr. António Dias Paredes, titular do cargo, que se fazia rodear dos srs. José Fernandes de Araújo e João Barbosa de Macedo. A Comissão nomeada para angariação de fundos é constituída pelos srs. João Macedo, José Leite Jaime Dias, Manuel Janela e José Fernandes de Araújo.

amarras que a sustinham e se lançou deliberadamente no caminho do engrandecimento. Este surto magnífico é obra da sua própria grandeza, das suas condições naturais que só não eram aproveitadas porque parecia que os homens não acreditavam nessa realidade.

Ainda há poucos anos nas tertúlias locais um bradava como no deserto quando defendia que o emprego de capitais em construções urbanas dava aqui melhor rendimento do que nas cidades.

Nenhum dos que podiam o acreditavam. O coração do meu caro Narciso dizia comigo mas a sua inteligência talvez pusesse também dúvidas. Os homens dos capitais é que não iam na embalagem e compravam prédios lá fora.

Acreditei e dei o exemplo, hoje já todos acreditam e surgem outros exemplos, até já há quem venda lá fora para construir cá. A procura é tal que já nos podemos dar ao luxo dessa metamorfose em que o meu visado e prezado amigo fala ao encerrar o seu escrito.

Em duas semanas abre-se no local de um velho caminho uma larga e bem lançada estrada que une a Feira Nova ao Rio Cávado e uma outra que nos conduz ao Santuário de Santa Luzia e ao Solar dos Vasconcelos. Graças à boa vontade de uns tantos o campo de Santa Luzia é propriedade do Santuário, o Solar é oferecido para a entidade pública que melhor possa torná-lo digno da sua melhor utilidade. Vastos terrenos são postos à disposição do desporto local no caso das entidades competentes aceitarem con-

### Desporto local

A fim de tratar de assuntos que se prendem com a angariação dos terrenos para o novo Campo de Jogos avisou-se com o Sr. Delegado da Direcção Geral dos Desportos e Director de Urbanização do Distrito um membro da Comissão encarregada.

tribuir para um pagamento módico.

Porque estamos numa terra cheia de possibilidades, precisamente numa eufórica maré alta de realizações, os amplos terrenos postos à disposição da compra e venda que permitiram quanto se refere, um mês volvido estavam quase completamente em mão de novos e variados proprietários. E são,—e eram—diremos melhor, qualquer coisa como 200 000 m<sup>2</sup>

Ora, como se vê, a época de férias, tão deleitosa e apetitosa para quase todos, foi para outros tempo de acção intensa e proveitosa.

Acautelando a maledicência que surge sempre, e por vezes de onde menos se conta, o meu caro Narciso diz também: *e não me digam que trabalha só para si.*

Pois não... que graça! la fazer omeletes com ovos e mariscos dados pelos amigos...

Mas, meu caro Narciso, deixemos isto e vamos àquilo, tentemos levar ao conhecimento de quantos o desejem o que de novo há por cá. Para o efeito voltarei a estas páginas, e, se puder, já no próximo número.

J. Macedo

## 5.ª COLUNA

Eu bem digo que sou preguiçoso. Se não fora... Se não fora enchia páginas de jornais com o ridículo que aprecio todos os dias. Esclareçamos.

A vida de casa nunca me interessou, isto não por preguiça, mas porque entendo que a mulher é que é sua dona. Portanto, que cuide dela. Desta vez, porém, encontrei em cima de uma mesa cá em casa, o recibo do último mês da luz eléctrica. Estive com ele na mão e li. No verso encontrei uma série de recomendações e a chamada dos Serviços para a minha atenção (minha e a de todos os consumidores). E no final encontro esta ma-

(Continua na 4.ª página)

## Obras na Igreja de Fiscal

Estão projectadas obras importantes na Igreja da freguesia de Fiscal que o pároco acarinha, dando satisfação ao desejo geral dos filhos dessa boa terra de quem tem recebido já substanciais auxílios que serão seguidos pelos filhos ausentes que verão a sua terra linda, melhorada, aonde os seus vagidos infaustos ecoaram quando na pia batismal receberam o sacramento do baptismo.

E disso não se devem nem podem esquecer. A Igreja é uma Instituição Cristã que nos obriga a respeitar, estimar e zelar. O pároco actual apenas deseja com o seu sacrifício, fazer uma demonstração das necessidades da freguesia e até dos maiores porque é de lá que vieram, vem e não-de vir as doutrinas que nos alimentam para nós não perdermos neste labirinto que seria o Mundo se a Igreja não existisse. Aos filhos de Fiscal espalhados pelo Mundo e também aos Amarenses em qualquer parte que estejam, fica lançado o apelo em nome de N. S. Jesus Cristo Rei insubstituível do Trono do Mundo Cristão.

### AOS LAVRADORES

A Companhia Portuguesa de Celulose, no intuito de fomentar a plantação de eucaliptos, põe à disposição da lavoura, no corrente ano, 3 milhões de plantas «envazadas», oferecendo ainda aos interessados, sem quaisquer encargos, a assistência técnica necessária.

Todos os pedidos de fornecimento deverão ser feitos à Secção de Fomento Florestal da C. P. C. - Instalações Fabris-Cacia-Telef. 91287

## Aniversário

Ontem, dia 2, festejou mais um aniversário natalício o nosso assinante sr. Domingos Macedo de Sousa, actualmente a cumprir o serviço militar em Angola.



«A Rival» deseja-lhe muitas felicidades, e que o próximo aniversário seja festejado já junto dos amigos e familiares, na terra que o viu nascer e que sabemos o Domingos, valoroso soldado, sempre estimou apesar de a sua vida ser passada quase sempre em Rio Tinto - Porto na casa comercial do sr. Cerqueira.

Felicidades e que regreses são e salvo com a certeza do dever cumprido.

Parabéns

## MAIOR RIQUEZA

És pobre de pedir! E tudo imploras  
À caridade humana dando a mão,  
E sofres, nessas lágrimas que choras,  
O drama da conquista do teu pão...

A outra Dor, que tu na vida ignoras,  
É a do Pensamento, em turbilhão,  
Buscando sempre a luz de outras auroras,  
E vendo ao fim a mesma escuridão.

É a dor das que não souberam crer,  
E na ansiedade vã de um vão saber  
Se afundaram no abismo dos ateus.

És pobre de pedir... E não tens nada...  
Mais humilde que as pedras da calçada...  
—És o mais rico, irmão, se tens a Deus!

## PRÉDIO--VENDE-SE

Junto ao Jardim, vende-se excelente prédio recém construído, rés-do-chão e 1.º andar, c/ todas as comodidades, acabamento primoroso e pequeno quintal.

Trata telef.: 62267, Amares

Até às 10 ou depois das 20 horas

## CALAFRIO

Continuado do número anterior)

tivessem estilhaçado com a fúria do vento. O pequeno soltou um grito alto e agudo, o qual, perdido no estrépito, tanto podia parecer, indistintamente, embora eu estivesse muito perto dele, uma nota de júbilo como de terror. Dei um salto e pus-me de novo em pé, ao dar conta da escuridão. E assim ficámos por um momento, enquanto eu olhava à volta e via as cortinas cerradas e a janela fechada.

«Que foi? A vela apagou-se?» exclamei, então.

«Fui eu que a soprei, querida Miss!» tornou-me Miles.

### CAPÍTULO XVIII

No dia seguinte, depois das lições, Mors. Grose perguntou-me:

«Já escreveu, Miss?»

—Já—já escrevi.» Mas não disse naquele instante, que a carta, selada e endereçada, ainda estava na minha algibeira. Tinha havido tempo suficiente para a enviar antes de o mensageiro partir para a aldeia. Entretanto, os meus pupilos nunca se tinham mostrado tão brilhantes, tão dóceis como naquela manhã. Dir-se-ia terem combinado iludir com paliativos a minha recente contrariedade. Realizaram assombrosas façanhas em matemática, elevando-se completamente além do meu fraco alcance, e perpetuaram, com melhor humor do que nunca, gracejos históricos e geográficos. Era evidente, claro está, especialmente quanto a Miles, ele parecia querer demonstrar que me deixava por completo à vontade. Tanto quanto me recorde, aquele pequeno vivia realmente numa mistura de beleza e desgraça que não há palavras que a exprimam; havia uma distinção puramente sua em cada um dos seus impulsos; nunca era uma vulgar criatura natural; os olhos não iniciados, todos franqueza e isenção, nunca houvera rapaz mais engenhoso, mais extraordinário. Eu tinha de me defender a todo o momento contra a contemplação extática em que os meus olhos de iniciada me traíam; tinha de reprimir o inconveniente olhar e o desanimado suspiro com que frequentemente enfrentava o enigma que era para mim aquilo que aquele rapazinho teria feito para ser digno de um castigo, e, ao mesmo tempo, renunciava a compreender. Digamos:

o mal tinha-lhe sido esclarecido pelo tenebroso prodígio que eu conhecia; todo o meu íntimo espírito ansiava pela prova de que esse me pudesse alguma vez ter florescido em acto.

Como quer que seja, ele nunca fôra tão correcto como quando, depois do nosso almoço, logo a seguir àquele horrível dia, veio ter comigo e me perguntou se eu gostaria que ele tocasse meia hora para mim. Davide tocando para Saúl ouvir não mostraria mais hábil sentido de oportunidade. Era realmente uma encantadora demonstração de tato e de magnanimidade, perfeitamente de acordo com ele, ter-me dito com tãa franqueza: «Os verdadeiros cavaleiros, cujos feitos nós gostamos de ler, nunca levam a superioridade muito longe. Eu sei que tu queres dizer agora: queres dizer que — para que te deixassem sozinha e não te seguissem — deixarias de me aborrecer e de me vigiar não me obrigarias a estar sempre perto de ti, deixar-me-ias andar com mais liberdade. Bem, aqui me tens, não vês? E não me vou embora. Tenho muito tempo para isso. Realmente gosto muito da tua companhia, e apenas te quero mostrar que sei manter um princípio.» Imaginem se eu resistiria a tal convite ou se deixaria de o acompanhar de mãos dadas até à saída de estudo. Miles sentou-se diante do velho piano e tocou como nunca; e, se há quem pense que ele faria melhor se andasse aos pontapés a uma bola, apenas direi estar inteiramente de acordo com isso. Após algum tempo sob a influência dele, tempo a que eu perdi completamente a conta, estremei com a estranha sensação de ter na realidade adormecido no meu lugar. Era depois da merenda, e eu estava em frente do fogão da sala de estudo; no entanto, a verdade é que eu não tinha adormecido. Tinha feito coisa pior, tinha-me esquecido. Durante aquele tempo, onde estaria Flora? Quando fiz essa pergunta a Miles, ele continuou a tocar ainda durante um momento, antes de responder, e disse por fim:

«Como é que eu hei-de saber, querida Miss?» ao mesmo tempo que rompia numa alegre gargalhada, a qual, como se se tratasse de um acompanhamento, foi logo seguida por uma canção incoerente e esquisita.

Fui direita ao meu quarto, mas Flora não estava; depois, antes de descer as escadas, procurei-a nos outros aposentos. Como a não visse em parte alguma, pensei que ela estaria, por certo, com Mrs. Grose, e logo tratei de procurar esta, em cumprimento de tão consagrada previsão. Encontrei-a no mesmo sítio onde a tinha encontrado no dia anterior, mas Mrs. Grose, como única resposta ao meu rápido alerta, replicou-me com uma inquieta e sobressaltada ignorância. Mrs. Grose supusera que eu tinha levado comigo as duas crianças depois da refeição; e a verdade é que ela pensara isso com justiça, pois eu

(Continua no próximo número)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### A Roupa Nova

Com 80 anos morreu em Rendufe um homem que desde que casou só teve uma roupa constituída por uma jaqueta delunada, colete e calça tudo preto como o exigia a cerimónia do casamento.

Aos domingos o Sr. Alexandre ia à missa ao mosteiro com a roupa nova a cheirar a naftalina, as botas da mesma côr tinham um feitio que agora voltou a aparecer nos elegantes que copiam do México o chapéu de aba larga e botas altas com ou sem canudo. Não vejo ninguém a servir-se do modelo do Sr. Alexandre para usar roupa debruada em todas as extremidades. Esse homem, com a roupa, nunca mudou de carácter nem de feitio. Sempre o mesmo humilde servidor jornalero que começou a sua vida a servir o proprietário primitivo da quinta do Mosteiro, leiloada pelos democráticos depois da eclosão revolucionária que dezimou o que restava da família Real.

Esses homens nunca se lembraram o que fez a monarquia quando os Reis amavam a Pátria, como se esqueceram do que deixaram feito depois de 16 anos de «regência» da orquestra sinfónica do Terreiro do Paço. Mas o sr. Alexandre e eu conversávamos muito porque gosto de conversar com gente pobre de dinheiro mas rica em carácter e dignidade. Disto era farto esse exemplar doméstico que deixou 2 filhos mais modernos, que tem roupa nova todos os anos, que começaram a fumar cigarros de «cu aberto» ainda a barba era para eles um sonho de grandeza e masculinidade. Poucos dias antes da morte desse varão illustre foi vizitá-lo abafado em mantas de farrapos, umas telhas a cobrir-lhe o leito dessa «abeguaría» deixando-lhe uma recordação que foi a última para garantir os vaticínios de certo médico que ainda vive cá no concelho aonde nasceu que dá sentenças e nunca ninguém levou recursos. E diz-me o homem que a senilidade limpou: Sr. Elísio, eu trabalhei há 70 anos na lavoura como jornalero e se não fosse «V. Senhoria» morria de fome porque não tenho um tostão em casa e de gente não familiar é Vocemecê o primeiro. Deus lhe pague. 24 horas depois acompanhei-o ao cemitério e senão fosse a Irmandade tinha que ir a pé ou ser enterrado em casa. Finaliso dizendo que o dinheiro da missa foi exigido senão ainda por fim ia para o in-

ferno aonde vivem e viverão tantos cidadãos a morrer de indegestões. Ainda é mais uma obra de Salazar que não deixa agora morrer mais ninguém de fome. Criou as Casas do Povo e agora com providências, mais do que divinas, porque o filho de Deus tem que olhar pelos campos e dar facturas a tanto filho ingrato. Vemos assim a miséria posta de parte pelo grande Chefe que foi do Governo. O Dr. Salazar que conquistou o respeito de todos os povos com quem Portugal tinha relações. Para os outros, seria uma suprema ventura conseguir relações que foram repudiadas, por serem julgadas inconvenientes às liberdades normais a que está habituado o povo português. Salazar não precisava de missas para ir para o Ceu porque já nele vivia mas o Sr. Alexandre pagou a missa mas ninguém sabe onde ele estará nem o padre que a resou... por tão baixo preço.

### Beleza e comodidade

É isto que Amares vai oferecer a toda a gente que nela vive e que a visita. Vou transcrever um verso do talentoso e espontâneo poeta Francisco Calheiros de Abreu já falecido, e um dos membros honrosos da distinta e nobre família Calheiros Cruz:

Amares veste laranjais floridos.  
Faustos vestidos de um constante Abril  
Suas mulheres sedutoras, belas  
São como estrelas num Céu de anil.

Já esse saudosa amigo que a morte não poupou deixamos despojados na Terra de tão querida figura Social, sentia no outono da sua vida a juventude perene de uma Natureza encantadora. A Sua obra poética é vasta e admirável e pena é que não ficasse arquivada para concluirmos que o sobrenatural tem nele uma explicação.

Portanto, a beleza está sempre connosco a mostrar-nos o Céu da vida distribuída pelo cosmos contemplativos. Quanto à comodidade depende dos homens que tem a faculdade de poder enfeitar, tornar mais aconchegado o ambiente e assim esperamos que os célebres e falados abrigos para passageiros de camionetes não fiquem esquecidos e como o Milho Rei pertence ao cidadão N.º 1 concerteza ele verá também que além da necessidade haverá vantagem para o próprio estabelecimento.

Elísio Gonçalves



## Aniversários

### Fazem anos:

Hoje, dia 2, festeja o seu aniversário o Sr. Rui Manuel Arantes Rodrigues.

Dia 4, a menina Teresa de Jesus Dias da Silva.

Dia 5, a Senhora Marília Barros de Azevedo e D. Mariett Barros Azevedo.

Dia 6, o Ex.º Sr. José Maria Rocha Almeida, ausente no Rio de Janeiro.

Dia 7, as Senhoras Maria Judite Gonçalves Macedo, Lúcia Martins Dias e o Sr. Alberto Dias Antunes.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e pede a Deus que esta data se repita por muitos anos.

### Aniversário

No próximo dia 4, festeja mais um aniversário natalício o jóvem José da Silva, nosso colega de trabalho, bem como no dia 8 seu mano Manuel da Silva.

Seus colegas aproveitam esta oportunidade para lhes desejar juntamente com sua família muitos anos de vida.

Parabéns

### Não Gosta de Justiça

Foi presa e conduzida ao Tribunal da Comarca pelas praças da G. N. R. que insultou quando procediam à autuação de um automobilista que estacionou o carro fora da mão no largo Dr. Salazar e no dia de mercado, a senhora Vicentina da Glória Machado, casada, da freguesia de Figueiredo.

O Ex.º Juiz substituto Dr. Eleutério de Macedo não se comoveu perante o arrependimento da ré e condenou-a em 15 dias de prisão removíveis a 20\$00 por dia, 150\$00 de imposto de Justiça, 50\$00 de procuradoria, em 200\$00 de indemnização aos ofendidos e aproveitando as faculdades do Cod. Penal, suspendeu-lhe a pena por dois anos — não gosta de Justiça e o marido deve-se ver aflito para a aturar.

Telefone dos Bombeiros  
de Amares — 6 2 1 6 2

## Por Caires

Com a maior solenidade, nos dias 20 e 26 de Agosto respectivamente, realizaram-se dois casamentos.

O primeiro, do jóvem Domingos José Gonçalves, de Caires, filho de António José Gonçalves, falecido, e de Verónica Augusta Arantes, com a prendada menina Maria Helena de Araújo, de Bouro (Santa Maria) filha querida do Sr. Manuel de Araújo e de D. Castorina da Silva Domingues, proprietários.

Consociaram-se, rodeados de um bom número de familiares e amigos, na basílica do Sameiro, sob os olhares maternais da Virgem. No final da cerimónia litúrgica, no Restaurante desta localidade, foi servido um lauto almoço, que deu ensejo a que o novo casal fosse saudado pelo P.º Luís de Caires e pelo pároco da noiva.

Os homenageados seguiram em viagem de núpcias. No regresso, ele partirá para a França e ela continuará, embora acidentalmente, a habitar com seus pais, na freguesia da sua naturalidade.

\* \* \* \* \*

A menina Maria Madalena da Rocha Machado, também desta freguesia, pronunciou o seu «Sim» no Santuário de N.ª S.ª do Alívio, Vila Verde. É filha idolatrada de D. Olívia Maria da Rocha e do Sr. Remígio Abílio Machado, que representou, por procuração, o noivo João Maria Coelho Neves, de Figueiredo, Amares, ausente em França, onde, já há anos, tem a sua vida radicada e organizada. É filho de D. Rita Maria Coelho e do Sr. Alfredo Neves, também proprietários.

Após o acto religioso, ao qual presidiu o Sr. Pe. Luís, de Caires, amigo íntimo da família, o cortejo nupcial dirigiu-se para o restaurante «Milho Rei», da Feira-Nova, onde todos os numerosos convidados foram generosamente obsequiados com um abundante e bem confeccionado banquete, tendo, ao pospasto, dirigido aos simpáticos noivos e seus Pais palavras congratulatórias, o mesmo sacerdote.

A noiva, dotada de peregrinas qualidades seguiu, na última segunda-feira, com seu progenitor, para a França, onde vai gozar a almejada companhia de seu prezado marido, que, estou certo, será uma agradável e prolongada lua de mel.

Parabéns e venturas sem fim para estes simpáticos, novos e prometedores casis, são os nossos sinceros desejos.

\* \* \* \* \*

Já há meses que está paralizado o arranjo do bueiro do lugar da Cruz, desta freguesia, que dá passagem às águas da época pluviosa.

Como se aproxima o inverno com suas perigosas enxurradas, não é descabido lembrar o final desta pequena obra — colocar uma grade de ferro na boca do mesmo.

Pedimos, portanto, a quem de direito, seja concluído, com a possível brevidade, este pequeno melhoramento, a não ser que esta insignificante obra seja regida pelas regras de «Santa Engrácia», ou estatutos da confraria de «Não te Rales»

Oxalá não surja a invernia com este trabalho incompleto e, assim, as culpas não sejam atiradas sobre quem as não tem, nem tão pouco as merece, porquanto, a nossa Ex.ª Câmara, já há muito determinou a reparação completa do referido bueiro.

Cronista Agridoce

**VENDE-SE**

**CASA C/ QUINTAL**

No lugar de Além — Feira Nova — Amares

Falar a: — Armando Joaquim Dias

FARMÁCIA MARQUES REGO

# Adeus à estrada

## Freixeiro-Caires?

Será verdade que em Outubro próximo começam os trabalhos de abertura da tão falada estrada Freixeiro-Caires?

Antes de mais quero elucidar os meus caros leitores que o Freixeiro é um lugar dos maiores de Caires, povoado com cerca de 400 habitantes e situado no extremo da Vila de Amares com esta freguesia.

Não posso precisar, mas irão para 5 anos que foi aberta a estrada Amares-Freixeiro, cujos benefícios tão numerosos dispensam descriminá-los; restando-me deixar aqui a minha homenagem à Ex.ma Câmara por não nos ter esquecido.

Aprior parece-nos que foram satisfeitas as máximas necessidades deste povo que tantos anos sofreu a falta de socorro médico e incêndio. Se em certa medida isto é real, não podemos esquecer os costumes arraigados à terra onde nasceram e aprenderam a dar os primeiros passos para enfrentar a vida, tão árdua para muitos.

Assim, e para melhor frizar este aparte, bastará dizer que ao construir a estrada Feira Nova-Caires, logo se começou a falar no ramal de ligação do Freixeiro à igreja de Caires. E, muitos anos antes de se pensar na estrada construída da Vila ao Freixeiro, já o Senhor Presidente da Câmara, então Sr. Dr. Avelino Silva, tinha visitado o local e apoiado a ideia do traçado que lhe foi sugerido, como sendo o mais recto económico e ideal para o povo do Freixeiro.

Agora, concretizando-se ideia tão antiga e desejada, teremos a continuação da estrada que partiu da Vila e espera no Freixeiro que lhe chamem estrada Amares-Caires.

Até aqui tudo pareceu um mar de rosas para os leitores que conhecem o dito lugar e fácil aos olhos de outros. Mas é mais complicado do que se poderá imaginar.

E porquê, caros leitores?

Para lhes matar a curiosidade dir-lhes-ei que há por toda a parte pessoas vivendo de miragens, o que não desconhecemos. E ali, também há um ou dois interessados em viver de possíveis urbanizações dos seus terrenos ou comodidades, procurando *desviar o traçado* válido para servir o povoado, a seu belo contento.

Como em todos os meios, antes de se fazer uma obra de utilidade pública, correm várias versões, pois só uma minoria conhecerá os ante-projectos, com o qual, é aceitável, em certos casos. Eu, sou da maioria e só posso falar-vos dos três boatos que me surpreenderam.

A primeira hipótese seria de que a estrada partia de onde está em direcção quase recta à igreja de Caires. Não se desviando muito das quelhas e carreiros lamacentos que durante séculos têm sido calcados por multidões a caminho da missa, batizados, casamentos, festas, etc. por ser o caminho mais curto para a igreja. Deste modo teríamos a estrada ideal de que vos falei.

Pensam que só tenho mais duas hipóteses para contar?

Não! É que esta hipótese beneficiava 98% do povoado sem olhar a interesses particulares. E além disso ia beneficiar o Lugar do Outeiro com quase mais uma centena de habitantes. Esta foi posta de lado.

Agora vou relatar o que se diz:

1.º—A estrada iria em direcção ao Lugar do Sobrado (povoado com cerca de 60 pessoas) e depois fletia para o sul indo ligar à estrada de Caires entre a igreja e o Lugar do Paço, formando um quadrilátero irregular em relação ao ponto focal (igreja), cujo lado recto é a hipótese posta de lado e os outros lados superam o dobro daquela dimensão.

2.º—A estrada iria directa ao Lugar do Sobrado e depois seguiria, para o Lugar do Paço, formando também um quadrilátero irregular, cujos três lados somariam o triplo do referido lado recto.

3.º—A estrada irá em direcção ao Lugar do Sobrado por aí ficará!!!

Analizadas as duas primeiras versões, logo se conclue que a tendência é passar pelo Lugar do Sobrado, e que nenhuma serviria ao Lugar do Freixeiro, pois quantos dispõem de automóvel? Para ir a pé vai-se pelo caminho mais curto, como é evidente.

A que mais surpreende será a terceira. E não estará nela o feixo da medalha?

Ora vejamos: se o interesse fosse servir o Lugar do Sobrado, não seria necessário dirigir a estrada via Sobrado, visto ser anti-económico e, este além de demasiado pequeno, ser um vértice do triângulo que se formaria com a dita recta como base e, uma linha tirada desse vértice poder cortá-la pelo meio no Lugar do Outeiro, sendo a sua dimensão metade daquela. Daí já ter sido falado ligar um ramal do pequeno lugar àquele ponto.

Se fosse por se tornar mais fácil a construção; não,

### Barreiros - Aniversário

António de Sousa

Amanhã, dia 3, passa o aniversário natalício do sr. António de Sousa, funcionário Corporativo e nosso colaborador e estimado assinante.

Sua esposa e filhos desejam-lhe muitos parabéns e que o dia 3 de Setembro seja comemorado por muitos e felizes anos na sua companhia.

Tribuna Livre felicita também o aniversariante - chefe de família exemplar, honesto e sério, amigo das coisas da Feira Nova que ele considera como segunda terra - e, com um abraço, deseja-lhe longos e felizes anos de vida.

### TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

porque é mais acidentado.

Deixar de servir cerca de 500 habitantes em benefício de 60, também não é aceitável tal versão.

Debrucemo-nos sobre a última, a estrada para o Sobrado e não continua!

Esta é a mais falada e até dizem que está o projecto para aprovação, a iniciar-se em Outubro próximo.

Talvez seja a verdadeira.

De facto, se a estrada do Freixeiro se dirigir ao Sobrado, *deixará de ser viável a continuação*, quer porque seria muito acidentada, quer porque seria inestética assim uma estrada Amares-Caires ou quaisquer outros factores. Aqui morrerão os interesses dos 500 habitantes em benefício dos 60 ou talvez para maior de dois.

Se ficássemos por aqui, não estariam esclarecidos os meus caros leitores e, pensariam que os três boatos para o mesmo lado justificariam uma fantasia do autor ou algo de misterioso.

Sim, teria de haver mistério e este não deixaria de revelar, pois é a única justificação desta notícia.

Pois os cabecilhas do projecto da terceira hipótese: um mora no Lugar do Sobrado e necessita de estrada digna para o seu meio de transporte e o outro é titular dos terrenos entre os dois lugares necessitando da urbanização destes e do acesso à quinta que lá possui, que sem ela pouco vale. Este último mora no Lugar do Freixeiro, mas o que pode contar para ele os interesses do povo?

Desconheço se a Ex.ma Junta de Freguesia, alguma vez ponderou sobre este caso, que só o futuro o recreminará com garras de leão, mas sem possibilidades de remediar o erro.

Porém, fica aqui e meu pedido de alerta para as Ex.ªs autoridades responsáveis que penso, dignas de julgar o futuro de todos os satélites do Concelho.

Do que se passar voltarei à vossa presença, caros leitores.

Alexandre Pereira

## Augusta Gomes Martins

### Agradecimento

Sua família, julga ter agradecido a todas as pessoas, as provas de amizade manifestadas a quando do doloroso transe que a enlutou, mas podendo ter incorrido em qualquer falta, se bem que involuntária, vem por este meio repará-la patenteando a todos a sua indelével gratidão.

Feira Nova, 2 de Setembro de 1972

### Ruínas dos Vasconcelos

A minha Ex.ma prima Senhora D. Leopoldina Fernandes, proprietária de vários prédios na Bornaria que herdou depois da morte recente de sua mãe, disse-me, em entrevista no Milho-Rei, que as ruínas dos Vasconcelos, foram por ela doadas ao Município com a obrigação de lhe serem feitos caminhos de servidões nos prédios que reservou quando vendeu aos srs. João Macedo e António Paredes as partes que lhe não interessavam e entre elas aquelas que rodeiam o histórico palácio residencial dos Vasconcelos. O nobre gesto da Senhora D. Leopoldina e as suas declarações devem dar ao público perfeito conhecimento da pessoa a quem tem de render homenagem. Creio que, com esta terceira notícia, os leitores da Tribuna podem ir a Vasconcelos ver o estado do Palácio visitado pelo Rei D. Afonso Henriques, para saberem o valor oferecido pela D. Leopoldina e também pedir à Câmara Municipal que entregue esse Monumento Nacional ao SNI para este organismo salvar essa joia romana abandonada há centenas de anos.

E. Gonçalves

## 5.ª COLUNA

(Continuado da 1.ª página)

ravilhosa recomendação:

«A liquidação deste recibo não prova o pagamento dos recibos anteriores».

Ora, isto é ridículo. Então terei durante cinco anos de arquivar os recibos da luz, só porque os Serviços podem vir receber o mês de Dezembro do ano passado e eu não poderei provar que paguei por não ter arquivado?

Mas, logo a seguir lembrei-me doutra interessantíssima, cujo ridículo também é autêntico. Ontem, alguém veio pedir-me para preencher uma papeleta da Emissora Nacional requerendo a licença dum rádio. Assim fiz. Contudo, ao terminar as declarações inerentes ao questionário, encontrei um talão picotado como prova da minha requisição e que traz textualmente também esta recomendação ou, melhor, exigência:

«Este talão que servirá para prova da data da requisição da licença deve ser preenchido pelo requerente.»

Assim procedi. Mas fiquei a pensar e depois perguntei à pessoa que o foi levar à Emissora quem a atendeu.

Disse-me fora uma senhora que leu tudo, após um carimbo e lhe entregou o talão.

Estava errado na minha suposição. É que parti da acertada hipótese que a pessoa recepcionista da Emissora, embora funcionária, não saberia ler nem escrever. Afinal o ridículo era da minha parte mas continua a ser dos serviços administrativos da Emissora.

Mas há mais, Leitor. Eu é que sou preguiçoso e por isso vou-lhe apresentar o ridículo deste país de contagotas. Faça de conta que sou farmacêutico, e vá tomando as gotas, se quiser. Não fazem mal a ninguém e pelo menos ficamos identificados com tudo isto, não é verdade?

EME ABRIL

### Manuel M. Fernandes

No passado dia 29, festejou o seu aniversário natalício o sr. Manuel Martins Fernandes, sócio-gerente do Restaurante Milho-Rei desta Vila.

As pessoas mais gradas da Vila festejaram com o aniversariante a efeméride na Póvoa de Varzim aonde se deslocaram propositadamente para o efeito.

Tribuna Livre, de quem o sr. Fernandes já fez parte como compositor tipográfico, deseja-lhe muitas felicidades e que esta data se repita por anos sem fim na companhia de sua esposa D. Helena Vieira Fernandes e filhinhos Chanda e Tó.

Parabéns